

A Importância da Comunicação

(15:14-29)

No agitado mundo pós-moderno de hoje, uma das maiores carências do ser humano é a comunicação direta com seus semelhantes. Cônjuges se queixam: “Ele/ela não fala comigo”. Pais se esforçam para se comunicar melhor com os filhos. Funcionários reclamam que não sabem realmente o que seus chefes esperam deles. E até membros da igreja reforçam o refrão, lamentando: “Eu queria que os líderes da nossa igreja se comunicassem melhor conosco”.

A palavra “comunicar” vem do latim que significa basicamente “ter em comum”. O equivalente grego é *koinonia* e há duas ocorrências de variações desse termo em Romanos 15:14–29 (traduzidas por “coleta” em 26, e “têm sido participantes”, em 27). Hoje, costumamos usar o termo “comunicação” para o ato *verbal*. A comunicação verbal eficaz resulta numa partilha de pensamentos — ter pensamentos “em comum”. Essa é a única maneira de se saber o que outra pessoa está pensando.

A lição “Em seus passos (15:1–13)” concluiu os estudos do corpo da Carta aos Romanos. No esboço que apresentamos nesta série, o trecho restante que vamos estudar agora é denominado simplesmente de “conclusão”. (Veja o esboço na página 7.) Em concordância com a obra mais longa do apóstolo, essa também é a conclusão mais longa de todas as suas cartas. Devemos ser cautelosos não menosprezando as observações finais de Paulo, como se fossem meros assuntos pessoais desinteressantes a nós, leitores do século XXI. Sempre há algo para se aprender com o que Paulo escreveu por inspiração divina.

Paulo compartilhou algumas informações com os cristãos de Roma nesse encerramento da carta. Analisando a maneira como Paulo se comunicou com seus leitores, podemos aprender um pouco sobre a arte da comunicação.

COMPARTILHE SEUS PENSAMENTOS (15:14–19A)

Elogie

No capítulo 1 Paulo expressou admiração pela igreja em Roma: “Primeiramente, dou graças a meu Deus, mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque, em todo o mundo, é proclamada a vossa fé” (v. 8). Após essa declaração inicial, há em todos os capítulos ensinamentos e exortações para aqueles cristãos. Paulo sabia que tantas instruções poderiam causar uma falsa impressão de que ele *não* estava impressionado com a fé deles. Chegando ao fechamento da carta, ele quis confirmar aos leitores que continuava tendo elevada estima por eles: “E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes¹ uns aos outros” (15:14)².

“Possuídos de bondade” não significa que eles não pecavam (veja 3:23), mas que eram essencialmente pessoas boas. “Cheios de todo o conhecimento” não significa que sabiam tudo (que eram oniscientes), mas que tinham um firme conhecimento dos fundamentos do evangelho. Como Paulo sabia desses fatos sobre os cristãos de Roma? Ele conhecia a reputação da congregação (1:8; 16:19) e conhecia muitos membros pessoalmente (16:3–15).

¹ “Admoestar” vem de *noutheto*, que significa literalmente “ato de pôr em mente” (*nous*, “mente” e *tithemi*, “colocar”). (W. E. Vine, Merrill F. Unger e William White Jr., *Dicionário Vine*. Trad. Luis Aron de Macedo. São Paulo: CPAD, 2007, p. 373.) O termo diz respeito a lembrar os outros do que Deus disse.

² A maioria de nós ficaria feliz se essas palavras fossem um resumo de nossas vidas: “possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes”.

Além disso, ele tinha um discernimento especial dado pelo Espírito.

Uma das primeiras lições que precisamos aprender em relação à comunicação é a importância de expressar apreciação, estima. É fácil identificar boas obras. Paulo olhava para os pontos fortes de seus irmãos e os louvava por esses atributos. As introduções da maioria de suas cartas incluíam elogios. Você e eu temos de aprender a enxergar as qualidades positivas dos outros. Devemos aprender a dizer: “Eu te amo e te admiro”.

Paulo continuou: “Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente...” (15:15a). Que indicação maravilhosa da autoria dessa obra-prima do apóstolo: “...vos escrevi”. Paulo disse que havia escrito a eles “mais ousadamente”, expressão derivada de uma forma adverbial de *tolmao*, que significa “ousar”, “deduzir”³. *Tolmao* é a tradução de “ousarei” em 15:18.

Se os cristãos de Roma eram “cheios de todo o conhecimento, aptos para se admoestarem uns aos outros” (15:14), por que Paulo escreveu-lhes com tanta ousadia? Ele citou dois motivos: o primeiro era para lhes “trazer... de novo à memória” (15:15b). Eles certamente nunca tinham ouvido o evangelho expresso exatamente como Paulo expôs ali, mas estavam cientes das verdades básicas:

- Todos nós somos pecadores carentes da graça de Deus.
- A morte de Cristo possibilitou-nos a salvação.
- Depois de sermos salvos, Deus espera que vivamos um tipo de vida diferente.
- Deus tem coisas maravilhosas reservadas para nós no céu.

À medida que Paulo lhes trouxe à memória essas verdades, ele os conduziu a novas profundezas de conhecimento.

Todos nós precisamos ser lembrados de tempos em tempos das verdades fundamentais da Bíblia. Trazer à memória era uma parte vital da pregação e do ensino do Novo Testamento (por exemplo, veja 2 Pedro 1:12–15; 3:1). Pregadores do evangelho nunca devem se desculpar por fazer seus ouvintes se

lembrarem das verdades centrais do evangelho⁴ e os cristãos não devem dizer: “Mas já ouvimos tudo isso antes. Queremos algo *novo*”⁵.

O segundo motivo para Paulo ter escrito com tanta ousadia era o fato de ele mesmo ter sido comissionado apóstolo aos gentios: “Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente... por causa da graça que me foi outorgada por Deus, para que eu seja ministro⁶ de Cristo Jesus entre os gentios” (Romanos 15:15, 16; veja 1:5; 11:13). Sendo Roma o centro político do mundo gentílico, convinha que Paulo causasse impacto nessa cidade.

Ao descrever seu ministério aos gentios, Paulo usou a analogia de um sacerdote oferecendo sacrifício: “no sagrado encargo⁷ de anunciar o evangelho de Deus, de modo que a oferta deles seja aceitável, uma vez santificada pelo Espírito Santo” (Romanos 15:16b). Paulo comparou sua pregação do evangelho e a conversão dos gentios ao modo como o sacerdote do Antigo Testamento preparava e oferecia sacrifícios (Romanos 12:1). Quando gentios eram batizados, eles recebiam o Espírito Santo (Atos 2:38) e eram santificados (separados) (Romanos 6:3, 4, 17, 18, 22). Desse modo, a “oferta” de Paulo a Deus era “santificada [separada] pelo Espírito Santo”.

Qualquer que seja a sua área de serviço ao Senhor, não a veja como uma tarefa a ser feita, mas como uma oferta de amor ao seu Pai celestial. Quando você se tornou um cristão, passou a fazer parte de “um sacerdócio real” (1 Pedro 2:9).

Dê a Deus a Glória

O sucesso de Paulo em alcançar o mundo gentio poderia tê-lo enchido de orgulho, mas ele estava decidido sempre a dar a Deus a glória. Ele disse: “Tenho, pois, motivo de gloriar-me⁸ em Cristo Jesus nas coisas concernentes a Deus” (Romanos 15:17). A Bíblia instrui a não nos gloriarmos em nossas reali-

⁴ Trazer à memória é uma parte importante do ministério de um pregador ou professor, mas também é importante renovar e tornar essas memórias pertinentes. Tente não dizer as mesmas coisas sempre da mesma forma.

⁵ Veja Atos 17:21; 2 Timóteo 4:3.

⁶ Paulo não usou a palavra grega comum para “ministro” no v. 16a, mas uma forma verbal de *leitourgos* — termo geralmente carregado da idéia de ministrar como um sacerdote. Veja os comentários sobre “servos” na exposição de 13:6, na lição “O Cristão e as Autoridades Governamentais (13:1–7)”.

⁷ Novamente, no v. 16b não foi usado o termo comum para “ministro”, mas *hierourgeo*, que significa “ministrar no sacerdócio” (*hieros*, “sagrado”, e *ergon*, “trabalhar”). (Vine, p. 792.)

⁸ “Gloriar-se” vem de *kauchesis* e significa “gabar-se”, “orgulhar-se de”.

³ G. Fitzler, “*tolmao*”, em Geoffrey W. Bromiley, *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, trad. Geoffrey W. Bromiley, abr. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, pp. 1183–84.

zações pessoais (veja Gálatas 6:14), mas a nos “gloriaríamos nas coisas concernentes a Deus”.

Paulo prosseguiu: “Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio” (Romanos 15:18a). Quando obtemos êxito numa investida, existe a tentação de ficarmos orgulhosos. Pressupondo que essa realização valeu à pena e foi proveitosa, precisamos entender que foi o Senhor quem nos deu a oportunidade e a capacidade para aproveitar a oportunidade. Paulo não falou do que *ele* fez, mas do que *Cristo* fez por intermédio dele (compare com Atos 14:27).

O que Cristo realizou por intermédio de Paulo? Os esforços de Paulo, com o poder dado pelo Senhor, levaram “os gentios à obediência” (Romanos 15:18b). Alguns escritores se surpreendem com a ocorrência da palavra “obediência” aqui. Dizem que esperavam que Paulo usasse “fé”. Todavia, a expressão não surpreende quem entende que a fé que salva é a fé que obedece (veja 1:5; 16:26).

A obediência dos gentios foi conduzida “por palavra e por obras” (15:18c). Ou seja, foi o resultado do que Paulo disse ao pregar o evangelho e o que ele fez ao viver o que pregava. A NVI diz: “aquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e ação, a fim de levar os gentios a obedecerem a Deus”.

Uma das coisas que Cristo capacitou Paulo a fazer foi sair e operar “por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo” (v. 19a)⁹. Temos aqui três designações de milagres no primeiro século: “poder” (de *dunamis*), “sinais” (plural de *semeion*) e “prodígios” (plural de *teras*). Em 2 Coríntios 12:12 Paulo disse que “as credenciais do apostolado” eram “sinais, prodígios e poderes miraculosos”. “Sinais” eram milagres que mostravam que Deus estava com o operador do milagre (Hebreus 2:3, 4). Os milagres eram chamados de “prodígios” porque quem os via ficava cheio de admiração e temor (veja Marcos 2:12). A palavra “poderes” enfatiza que os milagres eram uma expressão do poder do Senhor. W. E. Vine escreveu: “Um sinal tem a intenção de apelar para o entendimento, um ‘prodígio’ apela para a imaginação, um poder... indica que sua fonte é sobrenatural”¹⁰.

A expressão “pelo poder do Espírito Santo” provavelmente é apenas um reconhecimento de Paulo de que era o Espírito Santo quem o capacitava a fazer milagres. Se a expressão visava algo mais, po-

deria se referir à pregação de Paulo pela inspiração do Espírito. Paulo não creditou para si nenhuma de suas realizações. Atribuiu cada uma ao resultado do trabalho de Deus nele.

Na sua comunicação com outros irmãos, você pode mencionar o que fez. Não deixe, porém, de dar a Deus a glória por qualquer sucesso.

COMPARTILHE SUAS RAZÕES E MOTIVOS (15:19B–22)

Nas linhas introdutórias da carta, Paulo disse aos irmãos de Roma: “...não quero, irmãos, que ignoreis que, muitas vezes, me propus ir ter convosco (no que tenho sido, até agora, impedido)” (Romanos 1:13a). Perto do encerramento da carta, ele explicou o que o impediu de visitar os romanos. Vejamos 15:22: “Essa foi a razão por que também, muitas vezes, me senti impedido de visitar-vos”.

O que Paulo Fez

A principal razão de Paulo não ter ido visitar a igreja em Roma antes foi porque ele tinha que concluir sua missão na parte oriental do Império Romano antes de viajar para a parte ocidental. Finalmente, agora, ele considerava que tal missão estava concluída: “de maneira que, desde Jerusalém¹¹ e circunvizinhanças até ao Ilírico¹², tenho divulgado o evangelho de Cristo” (v. 19b). O Ilírico era uma província romana no mar Adriático, que fazia divisa com o norte da Macedônia. (Veja o mapa na página 16.) Incluía a região de Dalmácia (veja 2 Timóteo 4:10). Não há registro em Atos, de Paulo ter pregado no Ilírico, mas convém lembrar que Lucas, autor de Atos, foi seletivo ao relatar parcialmente a obra de Paulo. Essa pregação se encaixaria na terminologia usada em Atos 20:1, 2. Obviamente, as palavras “até o Ilírico” podem significar “até a divisa com o Ilírico”. Paulo estava dizendo: “Preguei por toda essa região”, ou seja, de uma ponta à outra.

O que Paulo quis dizer quando afirmou que havia pregado o evangelho em toda essa região? Ele não quis dizer que havia pregado a todos os habitantes, homens, mulheres, meninos e meninas de cada província, mas que, através da pregação, ele havia estabelecido igrejas nos grandes centros urba-

⁹ Paulo realizou muitos milagres. Veja Atos 13:6–12; 14:3, 8–10 e 19:11, 12.

¹⁰ Vine, p. 905.

¹¹ Muitos questionam por que “Jerusalém” como ponto de partida visto que seu trabalho nessa cidade foi limitado e sua base de operações era Antioquia. Paulo talvez estivesse apenas citando as fronteiras de sua atuação, usando localidades conhecidas aos seus leitores.

¹² A província do Ilírico era aproximadamente a região da Sérvia e Montenegro (antiga Yugoslávia) e partes da Albânia.

nos de diferentes regiões. Ele incumbiu assim essas congregações de mandarem evangelistas às cidades e povoados menores que os circundavam.

Desse modo, Paulo compartilhou com os romanos o que ele havia feito, um elemento importante na comunicação. A cena seguinte é familiar a muitos de nós:

Mãe: “Onde você estava?”

Adolescente: “Por aí.”

Mãe: “O que você fez?”

Adolescente: “Nada.”

Isso *não* é comunicação!

Por que Paulo Fez o que Fez

À medida que a comunicação se aprofunda, inclui-se não somente *o que* se fez, mas também *por que* foi feito. Nos versículos 20 e 21, Paulo explicou seu “método missionário” pessoal:

...esforçando-me¹³, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio; antes, como está escrito: Não de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito.

O objetivo de Paulo era ser um pioneiro na pregação do evangelho, estabelecendo novas congregações em vez de trabalhar com aquelas que já existiam. Emprestando uma frase do famoso seriado de ficção científica “Jornada nas Estrelas”, poderíamos dizer que o esforço de Paulo consistia em “audaciosamente ir onde nenhum homem jamais esteve”.

A passagem que ele citou (a última referência em Romanos ao Antigo Testamento) é de Isaías 52:15. Isaías 52 é um salmo sobre o Servo Sofredor (o Cristo). As palavras são adequadas para descrever o alvo de Paulo de levar a boa notícia aos que “não haviam tido notícia dele” e aos “que nada tinham ouvido a seu respeito”.

Paulo não estava sugerindo que seu método missionário devesse ser adotado por todo pregador. Cada um possui seus dons dados por Deus (veja Romanos 12:4–6a). Em 1 Coríntios 3:6 Paulo usou uma figura de linguagem da agricultura para descrever como seu trabalho se diferenciava dos

demais. Ele disse que ele havia plantado a semente em Coríntio, mas que Apolo regou essa semente. No versículo 10 do mesmo capítulo, ele usou a analogia arquitetônica usada em Romanos 15:20: “Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele”. Muitos pregadores se enquadram melhor no trabalho com congregações já estabelecidas ajudando seus membros a crescerem espiritual e numericamente. Todavia, ainda precisamos de “Paulos” que avistem o horizonte, em busca de novos campos para ali plantar a semente do reino. Cinquenta anos atrás, Reuel Lemmons escreveu: “Ah, como os anjos se alegrariam se dez mil homens que pregam em igrejas já estabelecidas juntassem seus pertences e fossem para algum lugar onde o evangelho fosse desconhecido!”¹⁴

Paulo explicou: “Essa foi a razão por que também, muitas vezes, me senti impedido de visitar-vos” (v. 22) — ou seja, porque sempre havia regiões aonde o Senhor queria que ele fosse. Explicar *por que* fazemos o que fazemos não resolve todos os problemas de comunicação, mas ajuda.

COMPARTILHE SEUS PLANOS

(15:23–29)

Tendo compartilhado o que fez e por que o fez, Paulo passou a relatar o que ele planejava fazer e como tais planos incluíam seus leitores: “Mas, agora, não tendo já campo de atividade nestas regiões” (v. 23a). “Nestas regiões” refere-se a todo o território entre Jerusalém e o Ilírico. Paulo não queira dizer que não havia mais lugares para ele pregar nessa parte do Império ou que ninguém nessas províncias ainda precisava ouvir o evangelho. Ele só queria expressar que havia cumprido seu ministério diferenciado na parte oriental do mundo mediterrâneo.

A Esperada Viagem a Roma

A seguir, Paulo expressou aos leitores seu desejo de visitá-los. Disse ele: “e desejando¹⁵ há muito visitar-vos” (v. 23b). Anteriormente, ele havia dito aos coríntios que desejava “anunciar o evangelho para além das vossas fronteiras” (2 Coríntios 10:16). Quando esteve em Éfeso, ele disse: “...importa-me ver também Roma” (Atos 19:21). Agora, finalmente, ele estava fazendo planos definitivos de viajar para

¹³ “Esforçando-me” vem de *filotimoumai* (*filos*, “amor” e *time*, “honra”). Outras possíveis traduções são “ambição”, “alvo”. As pessoas têm inúmeras e diversas ambições e aspirações. Paulo tinha uma ambição: pregar o evangelho. (Vine, p. 391.)

¹⁴ Reuel Lemmons, “111.400.000 People and One Preacher”, *Firm Foundation*, 3 de julho de 1956, p. 426.

¹⁵ “Desejando” vem de uma palavra grega forte. Veja os comentários sobre “desejar” em 1:11 na primeira edição desta série.

o oeste: “Penso em fazê-lo quando em viagem para a Espanha, pois espero que, de passagem, estarei convosco e que para lá seja por vós encaminhado, depois de haver primeiro desfrutado um pouco a vossa companhia” (Romanos 15:24).

Paulo planejava ir à Espanha, mas primeiramente ele queria parar em Roma para fazer uma visita. Sua base de operações fora Antioquia da Síria (Atos 13:1–3; 14:26–28), mas a Espanha e outros países do mundo mediterrâneo ocidental ficavam muito distantes de Antioquia. A maioria dos comentaristas acredita que Paulo pretendia fazer de Roma sua base de operações para levar o evangelho para o oeste.

A igreja em Roma estava bem estabelecida e era mundialmente conhecida por sua fé (Romanos 1:8). Não querendo “edificar sobre fundamento alheio” (15:20), Paulo não planejava ficar em Roma, mas ver os irmãos romanos “de passagem”. Isso não quer dizer que ele só passaria uma noite em Roma. O apóstolo queria desfrutar “um pouco” a companhia dos irmãos — para compartilhar com eles algum dom espiritual e ser incentivado pela fé deles (1:11, 12) — antes de retomar a viagem.

Paulo esperava ser “encaminhado” para a Espanha pelos cristãos de Roma. “Ser encaminhado” vem de *propempo*, que significa “enviar na frente”. Nos dias de Paulo, *propempo* tinha um significado especial:

O verbo... [havia] se tornado quase um termo técnico cristão para o ato de ajudar missionários a caminho. Significava, evidentemente, bem mais que um punhado de boas intenções e uma bênção de despedida. Na maioria dos casos implicava também dar-lhes suprimento e dinheiro, e algumas vezes providenciar-lhes também uma escolta para acompanhá-los até pelo menos parte do caminho.¹⁶

Um léxico grego define *propempo* como “ajudar na viagem de alguém com alimento, dinheiro, providenciando companhia, meios de transporte... mandar atrás de alguém em viagem”¹⁷.

A Necessária Viagem a Jerusalém

Paulo estava escrevendo de Corinto, que ficava do outro lado do mar Adriático em relação à Itália.

¹⁶ John R. W. Stott, *A Mensagem de Romanos*. Trad. Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. Série A Bíblia Fala Hoje. São Paulo: ABU Ed., 2000, p. 464.

¹⁷ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 2d ed., rev. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. Chicago: University of Chicago Press, 1957, p. 716.

Se Paulo desejava tanto ver Roma, e se ele havia concluído seu trabalho em Corinto, por que ele ainda não havia ido para lá? Ele não levaria mais tempo para chegar a Roma do que a sua carta. Todavia, em vez de ir imediatamente para Roma, seu plano era seguir primeiro na direção oposta — para Jerusalém, no leste — o que acrescentaria mais de três mil quilômetros à trajetória. Paulo quis explicar o que faria e por que o faria. Disse ele: “Mas, agora, estou de partida”¹⁸ para Jerusalém, a serviço dos santos. Porque aprovou à Macedônia e à Acaia levantar uma coleta¹⁹ em benefício dos pobres dentre os santos que vivem em Jerusalém” (15:25, 26).

Durante a segunda e a terceira viagem missionária de Paulo, ele recolheu contribuições em dinheiro para levar a Jerusalém. Anos antes, ele havia ajudado a levar uma coleta dos discípulos de Antioquia para os presbíteros da Judéia (Atos 11:27–30; 12:25). Agora, ele estava levando uma coleta “para os pobres dentre os santos que vivem em Jerusalém”. A cidade de Jerusalém não era conhecida por sua riqueza, e os cristãos que moravam ali certamente eram mais pobres do que a média dos cidadãos²⁰. Dizem que “ser cristão e ser pobre andavam juntos para quem morava em Jerusalém”²¹.

Não sabemos quando, onde ou como a idéia de uma coleta para os santos de Jerusalém teve origem. A semente teria sido plantada quando Paulo e Barnabé se encontraram com Tiago, Pedro e João? Os líderes de Jerusalém pediram a Paulo e Barnabé “que se lembrassem dos pobres”. E Paulo “se esforçou por fazer” exatamente isso (Gálatas 2:10). Teria a idéia surgido quando Paulo ponderou como as relações entre cristãos gentios e cristãos judeus precisavam melhorar? Independentemente de como o projeto tenha sido concebido, podemos ter certeza de que o Espírito Santo estava envolvido nele.

O que sabemos sobre essa coleta vem de 1 Coríntios 16:1–4 e 2 Coríntios 8:1–9:15, bem como do

¹⁸ “Mas, agora, estou de partida” indica um ato iminente.

¹⁹ Como já observamos, “coleta” vem de *koinonia*. Dar dinheiro é uma das maneiras de *participarmos* do apoio ou sustento à obra do Senhor.

²⁰ Alguns comentaristas acreditam que a generosidade incomum dos cristãos no começo da igreja em Jerusalém (Atos 2:44, 45) contribuiu para os problemas financeiros dos cristãos que ali moravam. Considerando, porém, que a maioria dos cristãos que originalmente ali moravam foi expulsa (Atos 8:1), é difícil entender como essa coleta afetaria os cristãos que ali moravam posteriormente.

²¹ Bruce Barton, David Veerman e Neil Wilson, *Romans, Life Application Bible Commentary*. Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1992, p. 283.

texto que estamos estudando. Na segunda viagem missionária de Paulo, ele incentivou as igrejas a coletarem dinheiro; em sua terceira viagem missionária (agora quase concluída) ele recolheu as contribuições. Em Romanos 15:26 ele mencionou especificamente a ajuda das províncias da Macedônia e Acaia²², porque elas foram seus últimos campos de trabalho. Também sabemos que congregações da Galácia estavam envolvidas no projeto (veja 1 Coríntios 16:1) e cristãos da Ásia provavelmente também participaram (Atos 20:4²³).

Após dizer que “aprouve à Macedônia e à Acaia levantar uma coleta em benefício dos pobres dentre os santos que vivem em Jerusalém” (15:26), Paulo disse: “Isto lhes pareceu bem, e mesmo lhes são devidores” (v. 27a). Cristãos gentios endividados com cristãos judeus? Como isso aconteceu? Paulo prosseguiu: “porque, se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais” (v. 27b). O evangelho foi primeiramente pregado a judeus (Atos 2:5, 14–36). Foram pregadores judeus que compartilharam o evangelho com os gentios. Entre esses estavam Pedro (Atos 10:1–11:18) e Paulo. O raciocínio de Paulo era que, se os judeus haviam compartilhado suas bênçãos espirituais com os gentios, convinha que os gentios compartilhassem suas bênçãos materiais com os judeus.

Paulo referiu-se à coleta como uma coisa que os cristãos gentios *quiseram* fazer (“lhes pareceu bem”) e que tinham a *obrigação* de fazer (eram “devedores” aos cristãos judeus). Como um gesto pode ser ao mesmo tempo uma obrigação e um ato de livre vontade? Douglas J. Moo sugeriu a ilustração da paternidade²⁴. Como pai ou mãe, tenho uma responsabilidade dada por Deus de cuidar dos meus filhos; mas, porque eu os amo, é com alegria que cumpro essa responsabilidade (agrada-me fazê-lo).

Leiamos Romanos 15:26 e 27 à luz do que Paulo disse nos versículos anteriores sobre judeus e gentios se acolherem (“aceitarem”) uns aos outros (vv. 7–13). O propósito de Paulo em levar a ajuda financeira para Jerusalém não era meramente aliviar o sofrimento humano. Ele queria melhorar as

relações entre cristãos judeus e cristãos gentios. Ele queria ver o amor fluir por todos os lados desses dois grupos que compunham a igreja (veja 2 Coríntios 9:12–14).

A Planejada Viagem à Espanha

Por mais que Paulo quisesse ver os irmãos romanos, a coleta para os cristãos judeus de Jerusalém era tão importante que ele quis executar o projeto pessoalmente. Assim que conseguisse fazer isso, ele se sentiria livre para ir até Roma. Disse ele: “Tendo, pois, concluído isto e havendo-lhes consignado este fruto²⁵, passando por vós, irei à Espanha” (Romanos 15:28).

Em Atos 20:4 somos informados de que, em sua viagem para Jerusalém, Paulo foi acompanhado de vários homens (provavelmente representantes das congregações contribuintes [veja 2 Coríntios 8:23]). Por que Paulo simplesmente não mandou a coleta com eles enquanto seguia sozinho para Roma? A resposta para essa pergunta está nas palavras “havendo-lhes consignado este fruto”. Paulo julgou importante para ele “consignar” a transação *pessoalmente*. Ele tinha uma responsabilidade com os contribuintes de garantir que o dinheiro chegasse às mãos certas (veja 2 Coríntios 8:19, 20). Além disso, sua relação com alguns dos líderes da igreja em Jerusalém (como Tiago [Gálatas 1:19; 2:9; Atos 21:18]) poderia ajudar os cristãos judeus a aceitarem a oferta.

Quando finalmente a “oferta de amor” dos gentios aos judeus fosse “consignada” (“entregue”), Paulo planejava ir à Espanha²⁶. A Espanha era “a província romana mais antiga no oeste e o principal baluarte da civilização romana naquela parte do mundo”²⁷. (Alguns acreditam que essa era a região citada no Antigo Testamento como “Társis”²⁸.) É difícil entendermos a dimensão do plano de Paulo. De Corinto a Jerusalém eram cerca de mil e duzentos quilômetros; de Jerusalém a Roma, uns dois mil e quatrocentos quilômetros e mais outros mil e tantos quilômetros até a Espanha. Paulo estava noticiando (quase despreocupadamente) uma viagem de quase

²² Macedônia e Acaia eram províncias ao norte e ao sul da Grécia. Filipos e Tessalônica ficavam na Macedônia; Corinto, na Acaia.

²³ Entre os que acompanharam Paulo quando ele levou a oferta para Jerusalém estavam dois homens da província da Ásia. Um deles era de Éfeso (veja Atos 21:29).

²⁴ Douglas J. Moo, *Romans*, The NIV Application Commentary. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 2000, p. 497.

²⁵ “Este fruto” significa “o fruto dos cristãos gentios”. Paulo via a coleta dos cristãos gentios como um fruto de seu espírito generoso e compassivo.

²⁶ Numa lição posterior, comentaremos se os planos de Paulo de ir para a Espanha se concretizaram.

²⁷ F. F. Bruce, *Romanos — Introdução e Comentário*. Trad. Odayr Olivetti. Série Cultura Bíblia. São Paulo: Ed. Vida Nova e Ed. Mundo Cristão, 3ª ed., 1983, p. 214.

²⁸ Moo, p. 495. Uma referência bem conhecida a Társis é a de Jonas 1:3.

cinco mil quilômetros. Considerando a incerteza e os perigos das viagens nessa época, o itinerário proposto por ele é espantoso! Paulo, porém, não se concentrava nos problemas, mas no potencial.

Dizem que Paulo era “sempre atraído pelas regiões mais distantes”. Ele nunca via um navio ancorado sem desejar alçar âncoras e levar as boas novas para os homens do outro lado do mar. Ele nunca via uma cordilheira, azulada pela distância, sem desejar ultrapassá-la e levar a história da Cruz para os homens que nunca a tivessem ouvido. Nessa ocasião, Paulo estava atraído pela idéia de ir à Espanha.²⁹

Os espanhóis estavam entre os homens mais influentes do Império Romano. A Espanha era uma região importante para o evangelho e poderia ser a base de lançamento para a evangelização ao extremo oeste à medida que o império se expandisse. Merrill C. Tenney escreveu que Paulo “perseguiu uma campanha de evangelismo missionário própria de um estadista. Seus planos de viajar para Roma e Espanha mostravam que ele queria equiparar as conquistas imperiais à fé imperial”³⁰.

Primeiramente, porém, Paulo aguardou ansiosamente por essa viagem a Roma. Ele disse aos cristãos dali: “E bem sei [tenho plena confiança] que, ao visitar-vos, irei na plenitude³¹ da bênção de Cristo” (Romanos 15:29). Ele acreditava que Jesus abençoaria o tempo que passassem juntos (veja 1:11, 12). Desse modo, Paulo comunicou seus planos e seu anseio por ver os irmãos de Roma.

CONCLUSÃO

Continuaremos falando do itinerário de Paulo no estudo dos últimos quatro versículos do capítulo 15. Grande parte do que vimos nesta lição diz respeito aos planos de Paulo de viajar, mas esperamos que você tenha ficado impressionado com o desejo dele de se comunicar com os cristãos de Roma. Será que ele conseguiu comunicar o que pretendia? Não sabemos. Uma boa comunicação requer bons “receptores” e bons “mensageiros” — mas pelo menos Paulo tentou. Sabemos que os cristãos de Roma re-

²⁹ William Barclay, *The Letter to the Romans*, ed. rev. The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 3.

³⁰ Merrill C. Tenney, *O Novo Testamento, Sua Origem e Análise*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1972, s.p.

³¹ “Plenitude” vem de *pleroma*. A idéia não é de quantidade total. Veja os comentários sobre 11:25 nesta série.

cepcionaram o apóstolo quando ele chegou à Itália (Atos 28:14, 15).

A sociedade atual carece urgentemente de boa comunicação — boa comunicação nos lares, nos casamentos e na igreja. Esforcemo-nos para amenizar essa grave deficiência. Que os problemas que vemos a enfrentar em nossos relacionamentos não sejam por “falha na comunicação”.

NOTA PARA PREGADORES E PROFESSORES

Esta lição também poderia ser intitulada “A arte da comunicação”. A maioria dos comentaristas classifica a passagem que discutimos aqui de “palavras de encerramento de Paulo” ou “planos de viagem de Paulo”. Essa pode ser uma abordagem mais simples.

Pode-se unir esta lição à próxima intitulada “Orações Não Respondidas?” Nesse caso, sugerimos outra divisão: a revelação de um propósito (vv. 14–22); a menção de planos (vv. 23–29) e um pedido de oração (vv. 30–33).

John R. W. Stott usou o tema do ministério de Paulo para dividir o texto da seguinte maneira: Um Ministério Sacerdotal (vv. 16, 17), Um Ministério Poderoso (vv. 18, 19a) e Um Ministério Pioneiro (vv. 19b–22)³².

³² Stott, p. 457ss.

ESBOÇO DE ROMANOS

Introdução (1:1–17)

- I. DOCTRINA (1:18—8:39)
 - A. Condenação (1:18—3:20)
 - B. Justificação (3:21—5:21)
 - C. Santificação (6:1—7:25)
 - D. Glorificação (8:1—39)
- II. PRÁTICA (9:1—15:13)
 - A. Explicação (9:1—11:36)
 1. Justificação por fé conciliada com as promessas feitas a Israel
 2. Justificação por fé conciliada com a fidelidade de Deus
 - B. Aplicação (12:1—15:13)

Conclusão (15:14—16:27)